

O SOFRIMENTO DE CRISTO E DOS CRISTÃOS NA TEOLOGIA DE LUTERO

Paulo R. Teixeira

“Era desprezado e o mais rejeitado
entre os homens; homem de dores e
que sabe o que é sofrer... pelas suas
pisaduras fomos sarados.”

(Is 53.3,5)

Sê fiel até à morte,
luta com real valor,
mesmo sendo a tua sorte
sofrimento, aperto e dor.
A aflição irá passar,
não se pode comparar
com a prometida glória
dos que alcançam a vitória.¹

INTRODUÇÃO

“Sofrer”, palavra triste. Termo que evoca uma realidade cruel presente no cotidiano de cada ser humano desde a queda em pecado². Realidade especial na vida de Cristo, o “príncipe dos sofredores”³. Conseqüentemente, o sofrimento é presença marcante também na vida dos cristãos⁴. Por que Cristo sofreu? Por que os cristãos sofrem? Deveriam realmente sofrer? Há algo de positivo em seu sofrimento? Qual o maior consolo no sofrimento?

No presente estudo, pretende-se dar uma visão geral, ainda que

1 **HINÁRIO LUTERANO**, hino 320, primeira estrofe. *Sei getreu bis na das Ende* – Benjamin Praetorius (1636-1674). Trad. Rodolfo Hasse.

2 LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas – O Programa da Reforma – Escritos de 1520**. V. 2, São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989, p. 28.

3 Idem, *ibid.*, p. 29.

4 idem, *ibid.*, v. 1, p. 50. Lutero manteve um ferrenho combate teológico em sua vida sobre a verdadeira perspectiva do sofrimento do cristão. Discordava, por exemplo, radicalmente dos teólogos da “glória”, que eram incaazes de perceber a mão de Deus também no sofrimento.

sucinta, de como o Dr. Martinho Lutero abordava o “Sofrimento de Cristo e dos Cristãos” em sua teologia. E o Reformador tem muito a dizer aos cristãos. Ele próprio sofreu muito em sua vida e, ainda mais do que isso, estudou profundamente a questão do “Sofrimento” nas Sagradas Escrituras, da qual também tirava todo o consolo necessário para prosseguir em sua caminhada.

Diante de tudo o que poderia ser dito acerca deste tema, as limitações desta pesquisa são imensas. Almeja-se, no entanto, que o estimado leitor encontre aqui a motivação para ler mais Lutero e maravilhar-se com a sua maneira de expor e aplicar a Palavra de Deus com vistas à salvação e à cura d’almas. Deseja-se, igualmente, que este humilde estudo possa ser algo mais do que meramente acadêmico, mas que possa, além de esclarecer, também consolar e trazer paz aos cristãos mesmo em meio ao sofrimento. Que paz? A verdadeira paz em Cristo.

I. LUTERO, UM HOMEM QUE SOFREU EM SUA VIDA

A certa altura de sua vida, Paulo, o grande “Apóstolo dos Gentios”, quase que num desabafo aos coríntios que contestavam a validade de seu ministério, relembrou-lhes o quanto ele próprio já tinha sofrido para que eles e muitos outros pudessem ter recebido a Boa-Notícia da salvação em Jesus. Isto pode ser verificado em 1 Coríntios 11. Paulo foi um homem que sofreu grandemente pela causa da propagação do Evangelho de Cristo.

À semelhança do apóstolo, muitos outros cristãos também sofreram, sendo alguns até mesmo martirizados. Um desses cristãos, digno de nota por causa da obra que Deus operou através dele, foi o Dr. Martinho Lutero.

Tendo nascido numa época quando o amor gracioso de Deus oferecido em Cristo estava eclipsado pelo Papado Romano, propagador da pestilenta doutrina da “justificação pelas obras”, muitas e muitas vezes Lutero foi oprimido pelos horrores que tal ensino falso causava a todas as pessoas do seu tempo⁵.

⁵ LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo**. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1984. pp. 75ss. Um documento de Lutero muito especial neste pertence é o tratado “À Nobreza Cristã de Nação Alemã, Acerca do Melhoramento do Estado Cristão.” Neste documento Lutero idealiza figuradamente a queda de “três muralhas” heréticas medievais: a. a da Igreja estar acima do Estado; b. a da

Não obstante tal opressão vinda da parte de poderes humanamente deveras mais fortes que o frágil monge de Wittemberg, mais tarde “Doutor em Teologia”, por causa do Evangelho e da verdade da justificação pela fé, Lutero levantou sua voz contra as heresias reinantes na Igreja Romana do séc. XVI. E assim como Paulo, Lutero também viu diante de si um caminho de sofrimento a trilhar em benefício de todos aqueles que tinham suas mentes atribuladas pelo “monstro da incerteza”.

Num processo lento e áspero, Lutero foi levado a padecer muito e, no entanto, também a descobrir a chave para consolar os cristãos sofredores de todos os tempos. Esta chave é a “justificação pela fé” e a senda para que Lutero a redescobrisse foi narrada por ele mesmo no seu “Prefácio ao Primeiro Volume da Edição Completa dos Escritos Latinos”. Lutero escreveu este trabalho em 1545 (aos 62 anos de idade, a um ano de seu passamento) como homem maduro que recorda, com sensatez e equilíbrio, os pontos altos de sua vida. Alí está descrito um pouco do sofrimento pelo qual a consciência de Lutero passou e como Deus foi bondoso para com ele. Eis alguns trechos da famosa “Experiência da Torre”:

Entrementes, naquele ano [1518], eu me pusera novamente a elaborar uma interpretação dos Salmos. Sentia-me melhor preparado depois de ter tratado em preleções as epístolas de Paulo aos Romanos, aos Gálatas e aos Hebreus. Eu fôra tomado por uma extraordinária paixão em conhecer Paulo na Epístola aos Romanos. Mas fazia-me tropeçar não a frieza de coração, mas uma única palavra no primeiro capítulo: “A justiça de Deus é nele revelada.”(Rm 1.17) Isso porque eu odiava esta expressão “justiça de Deus”, pois o uso e o costume de todos os professores me havia ensinado a entendê-la filosoficamente como justiça formal ou ativa (como a chamam), segundo a qual Deus é justo e castiga os pecadores e injustos. Eu não amava o Deus justo, que pune os pecadores; ao contrário, eu o odiava. Mesmo quando, como monge, eu vivia de forma irrepreensível, perante Deus eu me sentia pecador, e minha consciência me torturava muito. Não ousava ter a esperança de que pudesse conciliar

exclusividade do Papa Romano em interpretar a Bíblia; c. a de somente o Papa poder convocar Concílios e, na ausência destes, poder decidir arbitrariamente sobre doutrina.

a Deus através de minha satisfação. (...) Aí Deus teve pena de mim. Dia e noite eu andava meditativo, até que por fim observei a relação entre as palavras: “A justiça de Deus é nele revelada, como está escrito: o justo viverá por fé.” Aí passei a compreender a justiça de Deus como sendo uma justiça pela qual o justo vive através da dádiva de Deus, ou seja, da fé. (...) Então me senti como que renascido, e entrei pelos portões abertos do próprio paraíso. Aí toda a Escritura me mostrou uma face completamente diferente. (...) Assim, de fato esta passagem de Paulo para mim foi a porta do paraíso.⁶

E tendo sido consolado pela verdade do Evangelho e defendendo esta verdade mais que a própria vida, Lutero foi alvo de inúmeras perseguições por parte do Império e da Igreja Romana. Mas, nem por isso, desistiu de proclamar o *sola gratia, sola fide e sola Scriptura*.

Foi justamente passando por experiências amargas que Lutero também aprendeu mais e mais o que é sofrer. E também foi estudando as Escrituras que Lutero descobriu o consolo certo para o seu sofrimento e o de todos os demais cristãos. Tal consolo reside exatamente no fato de também o Senhor Jesus Cristo ter sofrido voluntária, inocente e obedientemente por toda a Humanidade a fim de libertar os seres humanos do pior sofrimento, o eterno⁷.

No próximo capítulo verificar-se-á mais de perto como Lutero via e relacionava o “Sofrimento de Cristo e dos cristãos”.

II. O SOFRIMENTO DE CRISTO

Era época de Quaresma no ano de 1530. Lutero havia sido declarado proscrito pelo Imperador algum tempo antes. Isto significava que qualquer

⁶ Idem, *ibid.*, pp. 30-31.

⁷ LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas – Os Primórdios – Escritos de 1517 a 1519**. V. 1, São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1987, p. 252. Lutero tem aqui registrado um estudo muito curioso a respeito da “Contemplação do Sofrimento de Cristo”. Tal atitude, a contemplação, era comum na Idade Média desde os tempos de Claraval. Lutero, todavia, pede que não se medite apenas na forma externa do seu sofrer, e sim no porquê Cristo teve de sofrer e o que seu sofrimento resultou aos cristãos.

pessoa tinha o direito de ceifar-lhe a vida, haja vista ser ele um herege e um fora-da-lei no veredicto do Império⁸. Mesmo perseguido, Lutero não se calou e proclamou o Evangelho de forma magistral na cidade de Coburgo, onde permanecia refugiado. Ali, para o culto matutino do dia 16 de abril, optou pregar “Um sermão sobre Sofrimento e Cruz”⁹. Nesta mensagem, tendo como ponto de partida o sofrimento de Cristo, Lutero analisou a questão do sofrimento do cristão, sendo este um dos documentos mais valiosos de sua teologia atinente a tal questão. Outro destes sermões de Lutero, igualmente digno de nota, é o que o Reformador proferiu na Sexta-Feira Santa do ano seguinte, em 1531¹⁰. Neste segundo sermão, Lutero esmerou-se em comentar e aplicar de modo prático o sofrimento de Cristo propriamente dito à vida cristã. Tendo como base estes dois sermões, que se aponte e se reflita sobre alguns pontos.

Em primeiro lugar, é importante observar que Lutero vê o sofrimento do Salvador na perspectiva de Lei e Evangelho, como diz:

...Cristo nem tinha necessidade deste sofrimento, mas nós e toda humanidade é que precisávamos de semelhante sofrimento; ele quer ser um presente, a nós oferecido e dado por pura graça e misericórdia¹¹.

Além disso, para Lutero o sofrimento de Cristo é incontestável realidade histórica, mas não pode ser pregado apenas como uma “história passada” e nada mais; seu sofrimento tem conseqüências eternas. O Verbo de Deus habitou entre os homens (Jo 1.14) e participou dos mesmos sofrimentos que os pecadores por amor a eles. E como foi extremado o seu sofrer!

A paixão de Cristo deve ser contemplada de suas maneiras: primeiramente como história, tal como acabamos de lê-la. Devemos saber que temores e tormentos ele sofreu, antes de tudo em seu coração, mas muito mais em seus membros.

8 LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo**. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1984, p. 298.

9 Idem, *ibid.*, p. 297.

10 **OBRAS DE MARTÍN LUTERO**. v. IX, Comisión Editora de las Obras de Martín Lutero, Buenos Aires: La Aurora, 1979, pp. 67ss.

11 Idem, *ibid.*, p. 67.

Não houve nele nem uma veia sequer que não fora invadida e traspassada pela mais amarga dor.¹²

Prosseguindo em sua exposição, na seqüência do Evangelho, Lutero afirma que o primeiro sofrimento que Jesus sofreu nos seus últimos momentos tocou-lhe a alma e processou-se no Jardim do Getsêmani. Ali, Satanás o impeliu quase ao desespero pelo vislumbrar da morte que o aguardava, arrancando mesmo lágrimas de sangue do seu rosto. Mas, apesar disso, Jesus foi vitorioso. Eis como Lutero articula isto:

E este mesmo diabo agora ataca também, no jardim do Getsêmani, a Cristo, e nele, a nossa carne e a nosso sangue, e deseja envenená-la da mesma maneira que no paraíso. Ele até consegue que Cristo transpire gotas de sangue. Mas aqui mesmo, Cristo despoja o diabo de seu poder. Ninguém jamais conseguirá explicar esta luta com palavras suficientes, nem nos livraremos jamais do assombro diante do fato de que Satanás, o príncipe deste mundo, que envenena a todos os homens sobre a terra, que este Satanás saia daqui perdedor. Pois aqui não se lhe coloca diante do nariz a um anjo, senão verdadeira carne e sangue os quais ele já havia vencido antes, no paraíso, quando esta carne e sangue ainda estavam sãos e eram fortalecidos pela Palavra de Deus. Por isso, o diabo pensou: Que resistência poderá opor-me esta débil carne, sujeita à morte? Daí que no Getsêmani, sem dúvida, o diabo esteve muito mais cheio de amarga ira do que na ocasião daquela primeira luta no paraíso, o que custou a nosso Deus e Senhor grande tribulação e dores! Oh, que nunca o esqueçamos, nem deixemos de dar-lhe graças por isso.¹³

E quando o diabo perde no Jardim das Oliveiras, diz Lutero que aquele envia os seus seguidores, os seus agentes para oprimir Jesus e tentar demovê-lo de seu intento de salvar o mundo. O primeiro destes agentes é

12 Idem, *ibid.*, p. 69.

13 Idem, *ibid.*, p. 70.

Judas, o traidor. Após ele, seguem-se Anás e Caifás.¹⁴ Mas Cristo ainda persiste e vence. Até este ponto, normalmente a Igreja ensinava na época, pelo que Lutero até a elogia dizendo que “isto contribui para que ao menos alguns homens saibam finalmente que Cristo morreu por eles.”¹⁵ A inovação de Lutero sobre a pregação do sofrimento de Cristo em relação à sua época está justamente no fato de o Reformador acrescentar à proclamação da história bíblica em si a promessa, o Evangelho e o consolo que promanam deste sofrimento e vitória de Jesus no lugar dos homens. Eis novamente Lutero:

Pois isto é o que, em verdade, importa: que vejamos o propósito e a intenção com que o fez. Não quero deter-me somente em considerar quão profunda foi sua dor e quão grandes foram seus trabalhos, senão que, antes de tudo, devo saber por que se submeteu a semelhante sacrifício, e por que derramou seu sangue de maneira tão voluntária. Porque tudo isto se fez *por ti*. Assim o explica Isaías [53.4ss]: as feridas, o fato de ele desesperar da vida e tudo mais, se faz por tua causa. Porque tu estavas aprisionado em pecados, o Senhor impôs o castigo a Cristo para que obtivéssemos a paz. Assim como Cristo veio aos homens e se fez semelhante a eles, assim tem de padecer agora o que os homens teriam de padecer.¹⁶

E Lutero vai mais além, afirmando que Cristo não apenas sofreu para vencer o diabo, a morte e o mundo, mas, além disso, pelo fruto do seu sofrimento, libertou os cristãos do pecado e os fortalece para que eles possam vencer suas próprias tribulações pelo fortalecimento que brotou de sua cruz:

Quando o pecado e a tribulação nos assaltam, que faremos? A Escritura diz: O Senhor pôs os teus pecados sobre Cristo, e este venceu, no jardim, a Satanás quando se viu molestado por ele. O que tens de fazer, pois, ao sentir-te atribulado, é

14 Idem, *ibid.*, pp. 70-74.

15 Idem, *ibid.*, p. 75.

16 Idem, *ibid.*, p. 75

falar a ti mesmo desta maneira: “Pois bem: não sou eu quem vencerá a Satanás e a morte, senão que a vitória já foi obtida, por Jesus. Outra vitória sobre o pecado, a morte e o diabo não existe. Esta é a maneira como se deve interpretar a paixão de Cristo, porque sua finalidade não é que rompamos a chorar e nos flagelemos, como o faziam os monges e, em especial, os descalços, os quais, ao tê-lo feito, criam ser ainda melhores do que Cristo, coisa com a qual, sem dúvida, fizeram Satanás rir de contente. Ademais, sinto-me tão satisfeito comigo mesmo, porque imitei o Filho de Deus! E, depois, vendiam isto como méritos supererrogatórios aos camponeses em troca do cereal deles e de suas ovelhas. Tal é o que hoje eles afirmam em seus sermões; também isto significa crucificar novamente a Cristo. Tu, ao invés disso, debes proceder da seguinte maneira: cuida-te muito para que não seja a tua paixão a que vence a Satanás, à morte e ao pecado. Aprende a ver na paixão de Cristo não somente um relato histórico, mas crê que a morte que pesa sobre mim e sobre ti realmente não pesa sobre nós, mas sobre Cristo, valendo o mesmo quanto ao pecado e Satanás. Sim, confia nisto, para que ao dares os últimos alentos, ou seja, na morte, no pecado e na angústia, possas dizer: Não sou eu quem tem de carregar tudo isto, mas meu coração se apega ao homem que levou nosso pecado, o diabo e a morte. Assim é que se celebra de verdade a paixão de Cristo e que se lhe tributa a mais alta honra, e isto é o que ele quer que façamos.¹⁷

De maneira tão bem explanada e aplicada por Lutero, o que mais dizer sobre o sofrimento de Cristo? Sobre este assunto, por enquanto, bastam estas palavras. Passe-se a ver mais detidamente a opinião do Reformador sobre “O Sofrimento dos Cristãos”.

III. O SOFRIMENTO DOS CRISTÃOS

¹⁷ Idem, *ibid.*, pp. 77-78

“Por isso falaremos agora, a partir do exemplo desta paixão, apenas sobre a cruz que nós carregamos e sofremos, bem como sobre a maneira como devemos carregar e sofrê-la.”¹⁸ Este é especialmente o assunto do primeiro dos sermões referidos no início do capítulo anterior e, sobre ele, Lutero não é menos sensacional. De saída, afirma Lutero:

Por isso é preciso observar, em primeiro lugar, que Cristo com seu sofrimento, não somente nos ajudou contra o diabo, a morte e o pecado. Seu sofrimento é também um exemplo que devemos seguir em nosso sofrimento.¹⁹

Pergunta-se aqui, a propósito, que tipo de agrura ou mal-estar poderia fazer parte dos “sofrimentos” referidos por Lutero neste ponto. Ele próprio responde que não pode ser qualquer “sofrimentozinho”:

Entretanto, deve e precisa ser uma cruz e sofrimento tal que tenha um nome e realmente angustie e doa, como, por exemplo, quando estão em grande perigo os bens e a honra, o corpo e a vida. Este sofrimento se sente muito bem e ele angustia, caso contrário não seria sofrimento, se não doesse muito.²⁰

Juntamente com isto, Lutero ainda assevera que o tal “sofrimento” a que ele se refere tem outra importante dissemelhança com relação aos “sofrimentos” que as pessoas alegam pelos quatro ventos:

Além disso, deve ser um sofrimento que não escolhemos para nós mesmos, como os espíritos sectários escolhem um sofrimento próprio para si mesmos; deve ser um sofrimento que, se possível, gostaríamos que fosse eliminado, o qual, no entanto, nos é imposto pelo diabo ou pelo mundo.²¹

18 LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo**. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1984, p. 298.

19 Idem, *ibid.*, p. 298.

20 Idem, *ibid.*, p. 299.

21 Idem, *ibid.*, p. 299.

Estas duas últimas características tornam-se deveras importantes na medida em que se percebe a confusão reinante no mundo sobre a interpretação que o mundo faz das palavras de Cristo em Lc 9.23: “Quem quiser tornar-se meu discípulo, negue-se a si mesmo, *tome a sua cruz* e siga-me.” É verdade, sem dúvida, que no escopo exegético de “cruz”, encontra-se envolvido o “sofrimento”. Tal sofrimento, no entanto, não é qualquer um e nem pode ser aquele que alguém escolheu para si. Desta maneira, excluem-se da compreensão de “cruz” quaisquer obras ou contingência que atinjam circunstancialmente o ser humano (e inclusive o cristão), bem como e especialmente aquelas obras que o ser humano procura cumprir para, flagelando-se ou sofrendo, encontrar o favor de Deus. O sofrimento ao qual Lutero refere-se é mais que isto e aponta para todo e qualquer sofrimento amargado pelo cristão por causa do Evangelho de Cristo e da fé. No ser cristão já está imbutido o “carregar a cruz”, como diz Lutero:

A regra é: Onde há fumaça, há fogo. Se você for um cristão e um filho de Deus, você também deve carregar aquilo que conseqüentemente lhe toca. Em uma só palavra, um cristão está sujeito à querida e santa cruz de tal modo que ele deve sofrer ou pelas mãos dos homens ou pelo próprio diabo, aquele que o aflige e amedronta com tribulação, perseguição, pobreza e doença, ou, dentro do coração, com seus dardos envenenados. A cruz é o símbolo e a senha do cristão no chamado santo, precioso, nobre e abençoado que o leva para o céu. A este chamado, devemos fazer jus e devemos aceitar como algo bom o que quer que o mesmo traga.²²

Constitui-se tal “sofrimento-cruz”, inclusive, não só um “símbolo do cristão”, mas igualmente uma das *notae ecclesiae* (“sinais da Igreja”) para o Reformador, pois como diz:

Em sétimo lugar, se reconhece exteriormente o santo povo cristão no meio de salvação da santa cruz: que ele tem de sofrer toda sorte de desgraça e perseguição, toda espécie de

22 PLASS, Ewald M. **What Luther Says – A Practical In- Home Anthology for the Active Christian**. Saint Louis: Concordia, 1959, p. 229.

tentação e mal (como se ora no Pai-Nosso) da parte do diabo, do mundo e da carne, afligir-se, desalentar-se, atemorizar-se interiormente, ser pobre, desprezado, doente, fraco, sofrer exteriormente a fim de tornar-se semelhante a sua cabeça, Cristo. E motivo para isto tudo unicamente deve ser o fato de se ater firmemente a Cristo e à Palavra de Deus, e, portanto, sofrer por amor de Cristo, Mateus 5.11: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por minha causa.” Devem ser piedosos, quietos e obedientes, dispostos a servir às autoridades e a cada qual com corpo e bens, não causar mal a ninguém. Não obstante, nenhum povo sobre a terra tem de sofrer ódio tão amargo: eles devem ser considerados piores do que os judeus, pagãos e turcos, em resumo, devem ser considerados hereges, patifes, diabos, gente maldita e os mais nocivos sobre a terra, de forma que realizam um culto aqueles que os enforcam, afogam, assassinam, torturam, expulsam e atormentam sem que alguém se compadeça deles, mas lhes sirvam mirra e fel quando têm sede. E não porque fossem adúlteros, assassinos, ladrões ou patifes, mas porque querem ter somente a Cristo e nenhum outro Deus. Onde vês e ouves estas coisas, podes ter certeza de que aí está a Santa Igreja Cristã...²³

Palavras vívidas pintando uma crua realidade: por causa de Cristo, assim como os cristãos dos primeiros séculos o foram concreta e cruelmente, os cristãos de todos os tempos também sempre sofrerão por carregarem a cruz como símbolo de sua salvação, “loucura para os que se perdem”. “Perseguição” é apenas mais uma das facetas do sofrimento dos cristãos. Lutero tece mais alguns comentários interessantes a este respeito. O primeiro deles faz uma aplicação do Sl 44.22:

Se você quiser fogo, deve aguentar a fumaça. Se você for um cristão, você foi chamado sob a cruz. Assim, o profeta diz: [Sl 44.24]: “Somos contados como ovelhas para o

23 LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas – Debates e Controvérsias**, I. v. 3, São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1992, p. 421.

matadouro.”²⁴

Por conseguinte, da mesma maneira que o sofrimento por causa da Palavra de Deus é inevitável na vida do verdadeiro cristão, Lutero chega mesmo a afirmar que “é do agrado de Deus que soframos, para que assim nos tornemos de forma igual a Cristo, como já disse.”²⁵ E ainda pede que os cristãos “mornos” se definam finalmente sobre o chamado gracioso que Cristo lhe faz:

O caminho passa por esta porta. Só que tem que saber o seguinte: Se não está disposto a sofrer, também não será servo na corte. Faça, então, o que dos dois preferir: sofrer ou negar a Cristo.²⁶

Uma vez constatada a naturalidade do sofrimento na vida do cristão pelo seu serviço a Cristo, pergunta-se: não há consolo para os eleitos de Deus pelo qual se possa afirmar “vale a pena ser cristão”? O apóstolo Paulo já dizia: “Todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus” e ainda “nada pode nos separar do grande amor de Deus em Cristo”. Lutero também via no sofrimento pontos positivos e, como Paulo, sabia que maior que qualquer sofrimento, estava o amor e a misericórdia de Deus. Este é o assunto do próximo capítulo, um belíssimo Evangelho aos cristãos amedrontados pela tribulação.

24 PLASS, Ewald., in op. cit., p. 1034

25 LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo**. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1984, p. 300.

26 Idem, *ibid.*, p. 300.

IV. O CONSOLO DOS CRISTÃOS NO SOFRIMENTO

Se a muitos cristãos amedronta e até desanima o fato de terem de passar por tantos sofrimentos, muito mais as belas promessas de Deus deveriam soar-lhes nos ouvidos e brotar em suas vidas em forma de confiança, esperança e amor. Lutero também descobriu que o consolo de Deus era imenso, muito maior que o sofrimento. O Reformador gostava de ressaltar, no tocante ao sofrimento, não as suas agruras, porém, suas virtudes didáticas, sinonimizando “sofrimento” e “tentação”. Eis como diz em certa passagem:

Cada cristão deve conformar-se de maneira tal que esteja certo de que esse sofrimento é para o seu bem, que também Cristo, tendo dado a sua Palavra para isso, não só quer ajudar-nos a carregar este sofrimento, mas também o mudará para o bem. Mais uma vez essa cruz ficará mais agradável e suportável pelo fato de nosso querido Deus nos dar tanto lenimento e bálsamo em nossos corações, a ponto de podermos suportar toda a nossa tribulação e desgosto, como o diz São Paulo em 1Coríntios 10.13: “Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.”²⁷

Prosseguindo, Lutero diz que o sofrimento do cristão é diferente do que aquele que os demais homens padecem. E, por isto mesmo, justamente em meio ao sofrimento, faz-se sentir ainda maior consolo da parte de Deus na vida do cristão.

Portanto, nossa atitude diante do sofrimento deve ser esta: Dirigirmos nossa atenção maior para as promessas de que nossa cruz e provação deverão ser mudadas para o bem, como jamais teríamos desejado ou sequer pensado. E é justamente este ponto que constitui uma diferença entre as penas e provações dos cristãos e as das outras pessoas. Pois outra gente também tem sua atribulação, cruz e infelicidade,

²⁷ Idem, *ibid.*, pp. 300-301.

ainda que passem um tempo num mar de rosas e desfrutem de felicidade e de bens segundos a sua vontade, a seu bel-prazer; mas, quando entram em provação e sofrimento, com nada conseguem se consolar, pois não têm as grandiosas promessas e a confiança em Deus, que os cristãos têm; por isso, não podem ter o consolo que em Deus os possa ajudar a suportar a provação, menos ainda conseguem eles perceber nele que fará mudar para o bem essa provação e pena.²⁸

Os pagãos não conseguem ver livramento certo em meio ao seu sofrimento, segundo Lutero, porque neles fala mais alto a voz da sua própria carne, naturalmente comprometida com o pecado e com os seus frutos. Assim, os pagãos desesperam-se com facilidade quando sofrem. Já os cristãos, vendo em meio às tribulações a cruz de Cristo e tendo suas promessas de consolo e vitória final, são mais pacientes e dóceis. Sabem que sofrem por causa de Cristo, mas em sua Palavra encontram as promessas de paz. Evocando a lenda de São Cristóvão, que teria atravessado inconscientemente o menino Jesus sobre os ombros através da forte correnteza de um rio, eis novamente o pensamento de Lutero:

Assim procuraram pintar para nós uma imagem e exemplo com o Cristóvão, para nos fortalecer em nosso sofrimento e para nos ensinar que o desespero e terror não são tão grandes como o consolo e a promessa; para que saibamos, portanto, que não teremos sossego nesta vida, se carregarmos a Cristo; mas que, em meio à provação, devemos voltar nossos olhos desse sofrimento presente para o consolo e a promessa. Então experimentaremos ser verdade o que Cristo disse: “Em mim tereis paz.” (João 16.33) Pois esta é a arte dos cristãos, da qual todos temos algo a aprender: Olhar para a Palavra e colocar longe dos olhos toda dificuldade e pena presente que nos oprime. A carne, entretanto, não domina esta arte, ela não enxerga mais longe que o sofrimento presente. Pois isto também é típico do diabo, afastar a Palavra para longe dos olhos, para que

28 Idem, *ibid.*, p. 301.

não se olhe senão para a aflição presente, assim como ele também agora está fazendo conosco. (...) Se você se encontra em atribulação e sofrimento, diga assim: Esta cruz não fui eu mesmo quem a escolheu e preparou; é culpa da querida Palavra de Deus que estou sofrendo isto e que eu tenho e ensino a Cristo. Deixe estar, em nome de Deus. Eu deixo que ele tome as rédeas e dê cabo disso, ele que já há muito me falou desse sofrimento e me prometeu sua ajuda divina e misericordiosa.²⁹

Mais especificamente ainda sobre as palavras de Jesus “em mim tereis paz”, o Reformador destila o seguinte comentário:

Esta é a verdadeira arte: atentar em sofrimento e cruz para a Palavra e a promessa consoladora e dar fé às mesmas, como ele diz: “Em mim tereis paz, no mundo, porém, aflições” (João 16.33), como se ele quisesse dizer: Não há dúvida de que vocês se defrontarão com perigos e terrores quando assumirem minha Palavra, mas venha o que vier, isto virá sobre vocês e lhes acontecerá por causa de mim. Portanto, fiquem tranquilos, eu não os abandonarei. Estarei com vocês e lhes ajudarei. Por maior que seja a atribulação, ela lhes parecerá insignificante, se puder tirar estes pensamentos da Palavra de Deus.³⁰

Esta, aliás, é a receita de Lutero para estar bem preparado para qualquer sofrimento: apegar-se às promessas da Palavra de Deus, e mais do que nunca o Evangelho soa realmente como promessas. Como fator motivador para que os cristãos continuem cristãos e ativos na obra do Reino, Cristo fez inúmeras promessas de que, após o sofrimento (mas não por causa deste), vem a paz e o céu. Lutero comenta mais alguns pontos sobre isto:

O lugar onde você mais certamente encontrará paz e alegria de coração não é nenhum outro a não ser a Palavra da divina promessa. Por conseguinte, aquele que em sua tristeza ou má consciência ou em perigo de morte corre em busca de ajuda

29 Idem, *ibid.*, p. 303-304.

30 Idem, *ibid.*, p. 305.

para qualquer outro lugar que não seja a promessa de Deus, não pode encontrar nenhuma ajuda, mas perece... Por conseguinte, caso o pecado o pressione, caso a morte ou o inferno ou um perigo de qualquer sorte o angustie, você deve afastar seus olhos do mal que o estiver afligindo e direcionar-se para as promessas de Deus. Pois nelas você encontra descanso e paz e alegria da alma, os quais todo o inferno é incapaz de arrebatar de você.³¹

Por fim, é impossível comentar Lutero sobre o consolo de Deus e a certeza de salvação dos sofrimentos por causa de Cristo sem mencionar um dos seus textos bíblicos preferidos, o Sl 46, cuja melhor e mais popular explanação encontra eco até os dias atuais nas palavras do seu brilhante “Castelo Forte é nosso Deus”. Perceba-se a confiança de Lutero em Cristo frente ao sofrimento em duas de suas estrofes:

Castelo forte é nosso Deus,
defesa e boa espada;
da angústia livra desde os céus
nossa alma atribulada.
Investe Satã com hábil afã
e sabe lutar
com força e arдил sem par
igual não há na terra.

O verbo eterno ficará
sabemos com certeza.
E nada nos perturbará
com Cristo por defesa.
Se vierem roubar
os bens, vida e o lar –
que tudo se vá!
Proveito não lhes dá.
O céu é nossa herança.³²

31 PLASS, Ewald. In op. cit., pp. 1030-1031.

32 **HINÁRIO LUTERANO**, hino 165: *Ein Feste Burg ist unser Gott*.
Martinho Lutero, 1528.

CONCLUSÃO

Estudar Lutero é fascinante! Especialmente quando se descobre tanto consolo do Evangelho em cada um dos seus comentários a respeito de sua “Teologia do Sofrimento”. Ele próprio muito sofreu por causa do Evangelho, mas, assim como Cristo e por causa dele, mesmo em meio ao sofrimento, encontrou esperança, paz e descanso nas promessas de Deus.

Espera-se que estas poucas páginas tenham dado, ainda que de maneira mui limitada, uma visão geral do pensamento luterano sobre o sofrimento de Cristo e dos cristãos.

À guisa de conclusão sobre o assunto, permita o estimado leitor que Lutero mesmo o conclua, como diz:

Sabemos agora que é do agrado de Deus que sofram e que a glória de Deus se revela e se torna visível em nosso sofrimento, mais do que em qualquer outro ponto; e visto que somos do tipo de gente que sem sofrimento não consegue persistir na Palavra e na fé; e ainda assim tendo, ao lado, a nobre e preciosa promessa de que nossa cruz, a nós enviada por Deus, não é algo ruim, mas exclusivamente uma coisa sagrada, excelente e nobre, por que nos haveríamos de negar a sofrer? Quem não quiser sofrer vá lá e viva como um latifundiário. Nós pregamos isto apenas aos devotos que querem ser cristãos, os outros, de qualquer forma, não o farão; nós, entretanto, temos consolo e promessa segura de que ele não nos deixará presos no sofrimento, mas que nos ajudará a nos livrarmos, ainda que todas as pessoas se desesperassem disso. Por isso, ainda que doa, vamos lá, você tem que sofrer com alguma coisa de qualquer jeito, pois nem sempre pode estar tudo em ordem. Tanto faz, sim, até é mil vezes melhor sofrer por causa de Cristo, que nos prometeu consolo e ajuda no sofrimento, do que sofrer por causa do diabo e cair no desespero e perdição, sem consolo e ajuda. (...) Deus conceda que o compreendamos bem e o

aprendamos. Amém.³³

BIBLIOGRAFIA

HINÁRIO LUTERANO. Porto Alegre: Concórdia, 1986.

LUTERO, Martin. **Da Autoridade Secular – A Obediência que lhe é Devida (1523).** São Leopoldo: Sinodal, 1979.

LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas – Os Primórdios – Escritos de 1517 a 1519.** v. 1, São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1987.

LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas – O Programa da Reforma – Escritos de 1520.** v. 2, São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989.

LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas – Debates e Controvérsias, I,** v. 3, São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1987.

LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo.** Porto Alegre/São Leopoldo: Sinodal/Concórdia: 1984.

OBRAS DE MARTÍN LUTERO. v. 9, Comisión Editora de las Obras de Martín Lutero, Buenos Aires: La Aurora, 1979.

PLASS, Ewald M. **What Luther says – A Practical In-Home Anthology**

33 LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo.** Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1984, pp. 307-308.

for the Active Christian. Saint Louis: Concordia, 1959.